



CARNAVAL 2024
PRESIDENTE: CARLOS ALVES (MESTRE CARLÃO)
ENREDO: AYSÚ: UMA HISTÓRIA DE AMOR
CARNAVALESCO: FLÁVIO CAMPELLO
SINOPSE: BRUNO FREITAS E FLÁVIO CAMPELLO

I – MAS POR QUE ORFEU?

Como dizia Riobaldo Tatarana, um querido personagem do escritor Guimarães Rosa, “por cativa em seu destinozinho de chão, é que a árvore abre tantos braços” – e se a alma é híbrida, são muitos braços de um mito, que inspirou o poeta Vinicius de Moraes, se emoldurou nas telas da sétima arte e coloriu a passarela do samba na ótica da genialidade.

A arte nos liberta e, com a liberdade concedida por ela, desvarios antológicos puderam existir. Quem não tem na memória uma doce voz a cantar que "Hoje o amor está no ar.."? É recordando grandes gênios como Dominginhos do Estácio e Joãozinho 30 que novamente traremos Orfeu para sambar. Queremos espalhar amor por meio da maior festa popular desse país. E, de tantas lições que o mito pode nos dar, sem dúvidas, o amor é o primeiro item que muitos vão falar. Sentimento puro onde, quem pôde um dia sentir, passou a levá-lo para sempre na mente e no coração.

Só que aqui na cinquentenária vermelha e amarela, a lira se transformará numa flauta e cocar ele irá usar. Inspirados na sua história, iremos transpassá-lo para um Brasil tão distante, mas tão distante, que nem era esse o seu nome. Nessas terras existia um paraíso composto de oralidade, mitos, crenças e tradições que nem os maus Karaíbas foram capazes de extinguir quando resolveram nos invadir. Para fazermos do Pindorama a morada de Orfeu pedimos, em nome de nossa escola, licença aos Povos Originários, a fim de, prestarmos uma devida homenagem aos verdadeiros donos desse chão.

E nessa tradução de sentidos, amor aqui chamaremos de aysú, Orfeu vai virar Abaeté e Eurídice passará a se chamar Anahí. Nessa festa um mito vai se transformar graças à possibilidade de sonhar que o carnaval nos dá. Enxerguem semelhanças, notem diferenças, mas, acima de tudo, sintam o aysú. É ele que conecta tudo, todos e, até mesmo, distintas mitologias.

Bruno Freitas e Flávio Campello
Colaboração: Erick Nakanome, Felipe Diniz e Leandro Santana

II – SINOPSE

Amigos, prontos para viajarem até meu povo? Eu levo vocês e conto a minha história, mas vou ser ligeiro, pois logo minha flauta terei de tocar...

Lá somos regidos por Rudá. O Deus que faz sentir aysú no canto esquerdo do peito, onde fica o mangará. Monã nos criou com esse sentimento e espalhou por todos os lugares do nosso yby. Já de outros Deuses ganhei coisas para sempre honrar. Anhum é quem rege a música e, junto de Akuanduba que controla os povos, me deram uma flauta. Com ela descobri meu dom para música. E não foi só isso... Eu, ainda curumim, descobri que seu som era suficiente para reger a paz e a harmonia do nosso yby. De tanto talento, via a natureza emudecer para meu som cintilar. Sempre fazia Guaracy despertar para que ela exercesse seu poder de brilhar e iluminar a todos... Era o sinal de que o dia estava para nascer.

Aysú sempre foi comum aqui. Prova disso foi o que sempre senti pela Cunhã-Poranga que significa a mais bela mulher do nosso povo. Não bastasse tanta beleza, Anahí tinha um lindo dom. Ela se comunicava com todos os animais de nossa floresta, principalmente, os pássaros que lhe davam lindas penas de presente. O aysú entre eles encantava. Tradição na tribo, sentar para ouvir as histórias do Cacique faziam parte do nosso cotidiano. Ele sempre nos contou a lenda de outro casal e dizia que o aysú sentido entre eles era parecido com o sentido por nós. Nosso sonho passou a ser o de gerar frutos como eles geraram. Frutos materiais, os nossos taíras, mas também o fruto do legado. Da nossa história ser contada do mesmo jeito, em uma roda de fogueira, para futuras gerações, com um final muito mais feliz do que eles tiveram. Eu só não sabia que o erro e a dor são elementos inerentes a quem sente aysú e desviar desse destino pode ser perigoso..

O casal do mito se chamava Arapiá e Numiá. Tanto aysú entre eles gerou frutos. Tiveram 4. Cada um deles especial. Mutin, o mais belo, ficou com a beleza de fertilizar as flores, vivia sempre acompanhado das Parapanãs. Puerê, o guerreiro, tinha poder de fazer a luz brilhar forte por todo yby. Katú, o sábio, amadurecia os frutos para a colheita sendo responsável pelas folhas das árvores caírem. Já Nhará, dono da bravura, suportava baixas temperaturas e podia trazer de volta a Era do Gelo. Meu medo ao ouvir essa história sempre foi quando o desejo pelo poder superou o aysú sentido entre eles. Sempre acreditei em um novo fim para Anahí e para mim. De tanta ganância, a cegueira fez eles não enxergarem nem seus taíras. E foi assim, para haver paz no yby, que Monã transformou Arapiá em Guaracy para iluminar o dia e Numiá em Jaci para brilhar a noite e nunca mais se encontrarem. Chega a dor da separação. Além disso, os 4 frutos desse aysú foram reger as estações do ano, se alternando de 3 em 3 meses, e também nunca mais se encontrando.

Em mais um passeio pela floresta, dos muitos feitos por Anahí, ela pôde encontrar uma das mais belas criações de Monã: As 7 Deusas de Tupã. Protetoras dos 7 elementos que dão sentido à vida, elas se juntavam em frente à mais bela cachoeira e formavam o mais lindo arco-íris do yby. De todos os cantos você o via. E foi logo no dia desse encontro magistral que vivemos nosso pior pesadelo... Foi através delas, donas de tamanha sabedoria, que Anahí entendeu a essência de aysú para a harmonia entre os povos. Era ele o poder universal. E também soube que o toque da minha flauta fazia a força se expandir por todo o yby e a chama se manter sempre acesa. Com tudo isso, o mal nunca conseguiria chegar. As Deusas não contavam que acabaram de revelar aos regentes das forças do mal, o que era necessário para ele se perpetuar...

Encantada com as descobertas, Anahí se encaminhou de volta para a aldeia e, em todo caminho, conversou com os pássaros. Isso a fez distrair e o escuro do anoitecer dominou o lugar. Somente a luz prateada de Jaci aliviou um pouco da penumbra. É nesse momento que o grande Deus da Noite, o temido Guarandirô, junto de suas criaturas, apareceu. Aquele que os rege, o demônio Xandoré, já havia o informado sobre como se perpetuar, pois ele escutou o que foi dito pelas 7 Deusas. O mal, apesar de contido e impedido de agir, sempre esteve no nosso plano. Para emplacarem, era só destruir aquela que mais fazia emanar aysú do meu peito. Anahí tentou fugir, afinal de contas, na floresta ela sabia todos os caminhos. E logo a mata, tão conhecida por Anahí, foi capaz de apresentar a pior das surpresas.

A temida serpente Boiúna atraía suas vítimas com o brilho da luz em seu corpo, confundido por muitos como a luz guia de Jací. Tal armadilha levou Anahí até Boiaçuquera. Uma verdadeira prisão, morada de Boiúna. Foi ali que alguém que só sabia o significado de aysú teve que se deparar com o veneno que hoje chamamos de maldade, capaz de a levar à morte fazendo cair no abismo da saudade.

Sem saber de seu paradeiro, revesti-me de coragem e, acompanhado de meus irmãos guerreiros, partimos em busca de minha amada. Após noites e mais noites de procura, tive o encontro no qual mais me arrependo nessa jornada. Guarandirô me contou da ida de Anahí para o abismo da saudade. Me vi, então, em desespero... Não queria acreditar que tamanho pesadelo pudesse ser real. Como em um sopro de esperança, recorri a Tupã para que me autorizasse descer para as profundezas. Eu precisava ver, ao menos pela última vez, minha amada. Quem sentiu aysú como nós sentimos tem o direito da despedida. Cheguei lá, mas me deixei levar pela pureza do meu mangará e negocieei com quem não deveria. O subterrâneo comandado por Ticê e Anhangá era traiçoeiro. A minha tristeza, junto da minha pureza, me fizeram acreditar que poderia ir além de só me despedir de quem mais troquei aysú na minha jornada. Eles propuseram dar a vida de volta a ela. Me disseram que eu poderia subir com Anahí para o acordo se cumprir, mas com a condição de, durante esse trajeto, nunca olhar para trás. Aceitei e logo comecei a escalar o abismo de volta ao yby com ela em minhas costas, sem poder olhar para ela e, me enchi de alegria, a ponto de achar que seria fácil. Mas, se eu alcançasse tal feito, significaria acabar com o mal e eles não deixariam isso ocorrer. Em um gesto traiçoeiro, Guarandirô me fez cometer a falha que eu jamais poderia praticar. No susto de evitar a queda de minha amada, olhei para ela, e como um castigo tive de ver meu amor cair para sempre no abismo da saudade.

Dias não fizeram mais sentido, reger a minha volta, através do toque da minha flauta, foi impedido pela minha tristeza, e, nesse yby dominado pelo mal, aysú e harmonia entram em extinção. Sem a força para tocar a minha flauta, tudo passou a ser regido pelo caos. Como em um sopro da maldade vinda de Xandoré, vimos chegar nas ondas do Paranã azul canoas imensas trazendo a peste, a cobiça, a fome, as guerras, a fúria e a morte... Viramos um só a quem os Karaíbas decidiram nos reduzir a "índios". Hoje entendo que eles foram o pior efeito do vento do mal. Antigas matas verdejantes viraram florestas desmatadas e queimadas. Nossos rios e mananciais sangraram e o garimpo extraiu tudo que tínhamos de valor, em troca de moedas nunca capazes de definir tamanha riqueza.

Vi Monã impotente diante de tanta devastação e, mesmo assim, eu não perdi a esperança que o mal pudesse ter fim. Me apeguei à saudade de Anahí e, cada lágrima derramada pela tristeza dominante

em meu peito, foi um recado ao sagrado para não desistirem de nós dando maneiras de fazer nosso yby melhorar. De tanto chorar, os Deuses me escutaram e viram em mim e na minha flauta a última saída. Prometeram nos ajudar se, em momento algum, eu deixasse de tocar meu sagrado instrumento. Concordei e um novo yby surgiu. Todos os povos originários puderam ali viver a plenitude de suas vidas. Tal qual o mito de “Orfeu”, eu abri mão da tristeza sem fim nesse plano e parti em busca da felicidade, mas em minha nova morada, através de uma mágica eternidade. E foi nela que pude reencontrar quem tanto fez meu mangará encher de aysú. No céu encantado, no alto do paraíso chamado Ybymarã, lá estava ela: a Cunhã-Poranga da minha jornada. Nesse local onde Rudá volta a gerir o aysú, Parajás concedem a nós os princípios de bondade, honra, paz e justiça, e Angatu proporciona a felicidade a quem um dia tanto sofreu. E não houve um só dia em que não toquei minha flauta sagrada, ao lado da minha Anahí, para lá de cima ver meus irmãos viverem a plenitude da paz...

E hoje, daqui do Ybymarã, eu pude contar que essa história de Aysú se tornou um mito com final feliz. Lembrem-se sempre de que todas as vezes que prepararem a arte de vocês com tanto aysú, como prepararam esse desfile, vocês serão eternos como eu e se elevarão a esse yby criado pelos Deuses, um local para quem sente aysú de verdade se encontrar e viver por toda eternidade..

III – GLOSSÁRIO

(EXIBIÇÃO EM ORDEM QUE APARECEM NO TEXTO)

Aysú: sentimento condutor do nosso enredo. O amor.

Karálbas: nome dado pelos povos originários aos invasores brancos que chegaram em nossas terras a partir de 1500.

Pindorama: nosso Brasil carregava esse nome em tempos de povos originários dominantes desse chão.

Rudá: a divindade do amor. Deus do Aysú, do sentimento condutor de nosso enredo, na mitologia tupi-guarani.

Mangará: em tupi-guarani, coração. Local que guardamos o sentimento emblemático do nosso enredo.

Monã: o grande Deus, criador de tudo para os

povos originários regidos pela mitologia tupi-guarani.

Anhum: o Deus das melodias, das músicas para a mitologia tupi-guarani.

Akuanduba: Deus da mitologia dos povos Araras que controlava e mantinha a ordem, a harmonia com o toque de sua flauta.

Yby: o plano terrestre. Morada dos povos originários.

Guaracy: a bola de fogo. O sol que nos aquece.

Tairas: o fruto, a continuidade, a extensão da espécie. Filhos.

Jaci: a bola de prata. A lua ilumina nossas noites.

Tupã: o Deus que controla o tempo, o clima e os ventos para a população originária.

Ticê: regente do submundo. Deusa dominante da inveja e da maldade.

Anhangá: além de reger o submundo e os mortos, a sua personificação do mal o tornou único capaz de rivalizar com Tupã.

Paraná: é o mar. A imensidão azul que reveste o litoral.

Parajás: divindades que ensinam aos homens a importância da honra e honestidade

Angatu: Deus que proporciona bem estar, felicidade e alma boa.